

## A Homeostase Psicológica na Pós-graduação Brasileira

Gilson L. Volpato – 10/01/2016

Por solicitação de algumas pessoas, seguem meus comentários sobre o link abaixo, mas voltando a questão para o caso brasileiro.

<http://qz.com/547641/theres-an-awful-cost-to-getting-a-phd-that-no-one-talks-about/%29>

O texto deste link trata da homeostase psicológica do pós-graduando, com maior ênfase no doutorando. A autora (Jennifer Walker) relata caso pessoal e alguns estudos e opiniões que sustentam a pressão psicológica a que muitos alunos de pós-graduação (PG) são submetidos, bem como algumas possíveis razões desse fato. Destaco esta reportagem porque mostra o que um sistema equivocado pode fazer para as pessoas. Vou incluir aqui algumas de minhas ponderações sobre o assunto.

- 1) A PG é um momento repleto de fatores estressantes, sem dúvida. A vida é assim. Em vários setores os estressores estão presentes. Mas na PG há complicadores.
- 2) O ambiente da PG deveria ser um ambiente amistoso, onde orientadores competentes formam seus mestres e doutores, que serão seu seguidores e, posteriormente, norteadores no processo.
- 3) A culpa nunca será de apenas um fator... ela é multifacetada. Mas me arrisco a pontuar algumas das 3 principais classes envolvidas: orientador, sistema de pós-graduação e aluno.
- 4) Os **orientadores** têm culpa pois eles devem estar ao lado do aluno dando os referenciais e indicando caminhos para que os alunos consigam encontrar as soluções dos problemas enfrentados. Um orientador deve mostrar também as fraquezas dos alunos, de forma a lhes incentivar aperfeiçoamentos. Erram por não mostrar o lado lúdico do fazer ciência, mas enfatizar nas competições qualitativamente equivocadas, ou mesmo por usar o aluno como mão de obra, esquecendo-se que estão tratando da formação de um ser humano. Erram por se manterem numa posição para a qual poderão não ter competência (exceto publicações). Orientar é muito mais do que ensinar a fazer pesquisa e publicar; é formar a cabeça de um ser pensante, um cientista, um educador, um ser humano socialmente engajado. Erram também por não alertarem os alunos na busca por alternativas quando percebem que aquele aluno não tem o perfil necessário para a ciência, mostrando-lhes que não serão menos seres humanos por causa disso. Erram por não exercerem a real atividade de um orientador, muitas vezes criando caos pela própria ignorância e incompetência.
- 5) O **sistema de PG** tem culpa por criar um sistema que incha e não resolve. Monta a formação irresponsável de muitos apostando que, assim, alguns bons serão garantidos – um sistema extremamente ineficiente e que ilude pessoas de boa índole e com esperança da ciência como carreira ou ideal. É culpado por criar algumas regras estranhas que favorecem a participação de orientadores não cientistas no sistema. Erra por enfatizar a formação de um cientista restrito, focado na construção de uma tese (que é geralmente uma tesinha de nada), que será exatamente o fim do meio científico brasileiro em algumas décadas, quando essas mentes competitivas e focadas demais na especialidade começarem a assumir

postos-chaves da ciência nacional. Erra por permitir uma distribuição equivocada de verbas para a PG, o que apenas encarece nosso sistema de formação de cientistas e de produção científica. Erra por permitir que pessoas inescrupulosas, de péssima formação científica, mas com ganância de poder e dinheiro, consigam burlar o sistema para defenderem interesses próprios, contrários ao bom pensamento científico e educacional. Erra também por essa produção em massa longe demais da realidade de oferta de trabalho a esses profissionais, que são obrigados a subempregos em laboratórios de seniores até quase 40 anos de idade, com o que frustram uma vida humana e social equilibrada.

- 6) Os **alunos** têm culpa pela sua história (admitamos que, em boa medida, somos cúmplices de nossa história – o que fizemos para mudá-la?) que os dificulta a enfrentar frustrações e competitividade; pelo fato de adentrarem uma área para a qual não possuem perfil (não genético, mas socialmente construído), o que torna qualquer atividade estressante; pelo fato de não pularem fora no momento certo; pelo fato de não trocarem de orientador enquanto há tempo; pelo fato de não subverterem o sistema. Ter uma sólida estrutura psicológica para enfrentar os problemas da vida é tão importante quando conhecer os papers mais importantes de sua área. Ao olhar sua formação, não se arrisque apenas na especialidade; pense você como composto de três grandes facetas, todas igualmente importantes na sua formação: a especialidade, o conhecimento geral e a ética.

Jamais um sistema de ensino-aprendizagem deveria trazer ao aluno o desespero, a amargura. Deveria trazer o prazer de aprender, o amor pela profissão, de forma que a realidade competitiva da vida lá fora seja mais bem equacionada e enfrentada. Acho que um sistema (Capes, orientador e alunos) que causa tantos problemas deveria ao menos ser totalmente repensado, sem preconceitos (e.g., há coisas “imexíveis”), com mente aberta para fazermos o melhor a partir dessa grande experiência que já temos com a pós-graduação no país. É simples, está em nossas mãos. Teríamos que pensar: como fazer a melhor escola de formação de cientistas do mundo? Isso exigiria, obviamente, repensarmos sobre que cientista queremos formar, ao que eu sugiro: um *Cientista Educador Socialmente Engajado*.

0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0